

## O traduzir em imagens

Alison Silveira Morais et al.<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina



Várias capas e um mesmo livro: *O gato e el diablo*

Este é um ensaio coletivo que tem como fio condutor o processo de criação de seus autores para capas do livro *O gato e el diablo*<sup>2</sup>, tradução de Félix Lozano Medina ao clássico *The cat and the devil*, de James Joyce. O livro foi produzido no segundo semestre de 2019, como parte das atividades propostas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dirce Waltrick do Amarante para “Tradução Comentada”, uma das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho contou também com as orientações de Evandro Rodrigues, criador da editora Katarina Kartonera, que ministrou uma oficina com todos os alunos, permitindo que cada um expressasse suas veias artísticas na criação de capas para o livro, pintando-as, costurando e organizando-as de forma artesanal.

---

<sup>1</sup> Os textos que compõem este ensaio foram organizados por ordem alfabética de autoria e as informações sobre os autores seguem em nota de rodapé nos textos por eles produzidos. [N.E].

<sup>2</sup> JOYCE, James. *O gato e el diablo*. Trad. Félix Lozano Medina. Florianópolis: PGET/UFSC & Katarina Kartonera, 2019.

## Trickster, Enqui, Loki, Lucifer!

Alison Silveira Morais<sup>3</sup>

Participar da Oficina Katarina Kartonera já foi uma experiência por si só muito interessante, inclusive me pareceu algo que deveríamos fazer mais vezes. Dar vazão à nossa imaginação, sem pressão e sem cobranças parece um oásis em um deserto de dissertações, teses e artigos.

Eu acredito que a arte é a expressão máxima de nossos cernes, quase tudo que estamos sentindo trespassa o papel, a tela, as tintas e pincéis, assim como em outras formas de arte como a literatura, a música e porque não a tradução? Por esse motivo, acredito que cada capa criada por nós da turma, tem seu valor único, não maior, não menor, mas único e indissociável a personalidade de cada um. Isso é arte.

Sobre a minha ilustração para uma das capas do “Gato e El Diablo”, fiz um personagem associado à imagem do trickster, e com os traços das divindades associadas ao bobo da corte, entidades divinas que se aproveitam de seus poderes para enganar e pregar peças.

**Figura 1:** O Trickster



Capa do livro *The trickster: a study in American Indian mythology* de Paul Radin (1987)

---

<sup>3</sup> Tradutor e ilustrador. Atualmente mestrando e bolsista no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alison-s-morais@hotmail.com.

A ideia de pintá-lo da forma que foi, foi de um estalo espontâneo, lembrando rapidamente de minhas leituras, na mitologia suméria, cristã, nórdica e nativo americana, que é de onde vem o próprio trickster. O trickster é um ser geralmente antropomórfico que prega peças e desobedece às regras do mundo físico e espiritual, é a entidade livre que transita entre mundos sem dar satisfação, com base nisso, fiz um paralelo muito rápido com as outras divindades como Enqui, o deus sumério das águas, dos artesãos e artistas.

A figura de Enqui é composta por uma criatura com chifres, adornos e um cocar, e salta como os peixes que em suas águas vivem. De seus flancos corre toda a água doce que existe. Sua trajetória é marcada por negociações e articulações muitas vezes desonestas com outros deuses e deusas.

**Figura 2:** Enqui



Fonte: Wikipedia

**Figura 3:** Loki



Fonte: ancientpages.com

E Loki, deus do panteão nórdico, filho de Odin e irmão de Thor, uma figura conhecida, em suas primeiras descrições e retratações artísticas já conseguimos fazer uma ligação com as vestimentas do bobo da corte. Chapéu de três pontas, sapatos pontudos e uma feição de deboche e sorriso de escárnio. Loki, assim como o trickster se transforma em diversos animais, aparece e desaparece e prega peças em todos para se livrar de responsabilidades ou de castigos.

Por fim temos Lúcifer, Satã, ou o Sete peles imortal como dizia Cássia Eller. Sua figura já passou por tantos momentos e tantas formas que o ligar à Pã, ou aos

sátiros, à figura bestial dos bodes pretos ou à incrível imaginação dos padres pintores da idade média com o Diabo com asas, escamas, pelos, faces espalhadas pelo corpo, chifres, não vale a pena. O que é categórico e consenso talvez seja seu carisma e seu charme impressionante para que todos fossem tão obcecados por ele afinal (há quem diga que seu nome é mais falado dentro de Igrejas do que o de Deus).

O Diabo da Bíblia também engana, Eva no Jardim do Éden, se passando por discípulos de Jesus em Tessalonicenses, no episódio da paciência de Jó e na icônica passagem das tentações de Jesus no deserto, onde inclusive ficamos nos perguntando como ele voa sem asas... mas enfim, debate para outra hora.

Desde a quebra de paradigma sobre a figura do Diabo no romantismo, temos em nossos tempos modernos as centenas de milhares de transformações desse personagem, o que nos permite agir livremente hoje como artistas, trazendo para nossos rabiscos até um pouco de O Máskara, a personalidade insana do Pernalonga, e por que não o “Ele” das Meninas Super Poderosas? Por fim, a ideia era fazer um desenho relacionando essa flexibilidade da figura diabólica e que fosse propositalmente oposto às ilustrações de dentro do livro.

**Figura 4:** “Ele”

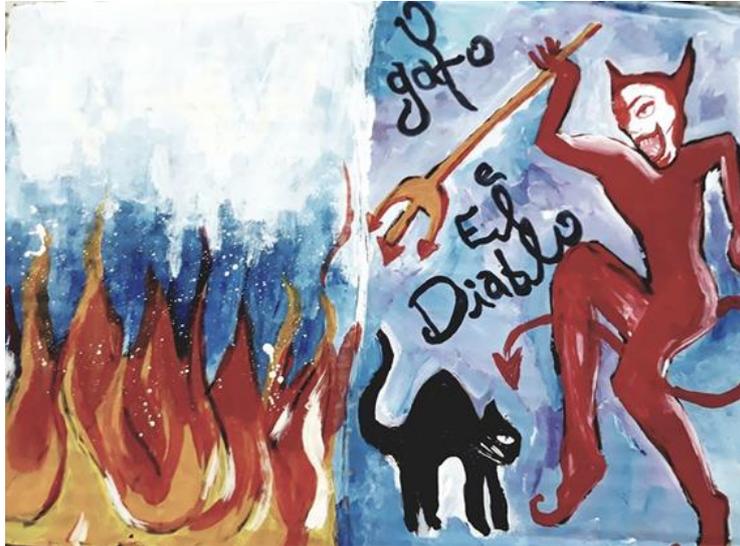


Fonte: [powerpuff.fandom.com/pt-br/wiki/Ele](http://powerpuff.fandom.com/pt-br/wiki/Ele)

**P.S:** Sobre o gato preto, foi só uma homenagem ao meu gato preto Caffé. E as chamas na parte de trás do livro fazendo uma conexão com o inferno cristão e como muitas

vezes ele é percebido e representado. Abaixo, segue a imagem da capa criada a base de tinta acrílica e guache sobre papelão.

**Figura 5:** O gato e el diablo



Capa e contracapa por Alison Silveira Morais

### **Minha (muito sentimental) capa para *O gato e el diablo***

Brenda Bressan Thomé<sup>4</sup>

Na oficina de confecção para a capa de “O gato e el diablo” ministrada pelo editor da Katarina Kartoner, focamos primeiramente no corte e preparação dos papelões para que tivessem o tamanho correto e nenhum defeito que causasse problemas. O pedaço de papelão que escolhi tinha uma dobra a mais que decidi manter e destacar com tinta azul sobre um fundo laranja. Acredito que os pequenos “defeitos” das capas artesanais mantêm um toque de personalidade e devem ser valorizados sempre que possível.

Escolhi o laranja como cor base para minha arte por alguns motivos, talvez tão complexos quanto a história de uma vida toda. Quando penso em diabo, isso me remete a fogo, e quando penso em gato, isso me remete a um simpático gatinho laranja chamado Eros, o animal de estimação de meu grande amigo Vinicius.

Para completar, a história original de O gato e o diabo foi escrita pelo irlandês

---

<sup>4</sup> Mestranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Jornalista, revisora, tradutora, bolsista do CNPQ. E-mail: brenthome@gmail.com.

James Joyce. O laranja é uma das cores presentes na bandeira da Irlanda (são três cores, verde, branco e laranja). Porém, a história original escrita por Joyce se passa em uma pequena cidade da França, o diabo fala francês. A primeira vez que parei para pensar com cuidado em Joyce (apesar de já ter ouvido falar no escritor) foi quando tive uma oportunidade de fazer intercâmbio acadêmico há alguns anos. Meu desejo inicial era ir para a Irlanda, mas a vida acabou me levando para a França. Em Paris, na Rua Cardinal Lemoine, perto da universidade onde eu estudava, saí um dia à procura de uma placa indicando onde o escritor que eu admirava, Ernest Hemingway havia morado. Seguindo, mais ao fim da mesma rua, havia outra placa, dessa vez comemorando o prédio em que James Joyce concluiu seu romance *Ulysses*. Apaixonada por literatura que sou, encontrei nessa rua um dos momentos mais especiais flinando por Paris, compartilhando o espaço da cidade com os escritores que concluíram ali suas obras fundamentais. Por que digo isso? Porque acredito que a escolha do laranja e a amarração das ideias que levaram à capa e construíram minha leitura do texto possam ter sido influenciadas por todas essas memórias combinadas com o contexto em que me encontro hoje: uma mestranda em estudos da tradução que trabalha com o par Francês-Português, construindo belas memórias nesta oficina, produzindo a capa para um projeto da disciplina de Tradução Comentada ministrada pela professora Dirce Waltrick do Amarante, tradutora de James Joyce.



*Placa comemorando o edifício onde Joyce escreve Ulysses, na rua Cardinal Lemoine em Paris<sup>5</sup>*

Tendo pintado a capa com o laranja, decidi desenhar a lápis o título da obra para ter uma linha de base antes de iniciar com a tinta. No processo de pintura, houve um

---

<sup>5</sup> Tradução da placa: James Joyce (1882-1941), escritor britânico de origem irlandesa, hospedado por Valery Larbaud, concluiu aqui seu romance “Ulisses”, uma das obras-primas da literatura do século XX.

borrão e o traço ficou mais grosso do que gostaria, mas é preciso aceitar que no processo de tirar uma ideia da cabeça, passá-la pelo corpo e materializá-la através das mãos, algo vai ficar pelo caminho (o que pode ser muito bom, afinal, só assim pode-se dizer que um processo foi criativo e não mecânico).

Depois de feitas as letras, senti falta de algo que jogasse com o título de forma mais simbólica, por isso optei por colocar as orelhas de gato nas letras “o” (com um rosto de gato no primeiro “o”) e um tridente de diabo nas letras com hastes altas “t”, “d”. O tridente parece ter sido ligado à ideia de diabo pelo cristianismo, talvez numa tentativa de modificar um símbolo de religiões pagãs e mitos como o de Posêidon, que exerce seu poder com um tridente. Vale lembrar que a letra grega *psi* ou  $\Psi$  tem a grafia original semelhante a um tridente, seu som remete ao que fazemos quando chamamos por um gato “psst, psst”. E é também o símbolo da psicologia atualmente. É possível que num nível subconsciente eu tenha ligado as imagens do tridente e da letra *psi*, ao mito de Psiquê e Eros, relacionando assim os símbolos com meu referencial pessoal (o gato laranja Eros, que citei anteriormente). A história e a minha arte podem se amarrar, portanto, em torno deste tridente, simbolizando o gato, o diabo e o jogo psicológico presente no conto.



Capa e contracapa por Brenda Bressan Thomé

Na contracapa trago novamente o símbolo do tridente, o desenho de um gato amarelo de costas (achei por bem torná-lo amarelo para não se confundir com o fundo e colocá-lo de costas para simbolizar a indiferença que demonstra ao ser enviado ao diabo), e um fio de água entre eles. O rio, no conto, era o que separava os personagens, que se uniram, enfim, graças à ponte. Nessa mesma intenção, se esticarmos a capa e a

contracapa lado a lado, é possível ver uma faixa azul que toma um pedaço de cada uma. A ideia foi retratar o rio dividindo as margens do livro em capa e contracapa. Os pequenos pontos coloridos são os pequenos passos (ou pegadas) das pessoas, do gato, e do diabo se movimentando ao longo da história.

Esse meu pequeno testemunho sentimental sobre a confecção da capa artesanal para *O gato e el diablo* foi uma pequena viagem pessoal sobre minha coleção interna de referências, afetos e imagens mentais. É interessante dedicar-se ao exercício de identificar as ideias que influenciaram o processo de criação enquanto ele acontecia, abrindo assim uma janela para visualizar a própria mente em funcionamento. Pude perceber a capacidade que temos de expressar influências e sentimentos internalizados sem nem mesmo nos darmos conta, basta pegar um pincel e um pouco de tinta - ou um papel e uma caneta.

**O gato e el diablo: uma tradução de Joyce por Felix Medina  
e ilustrações de Alison Silveira Morais**

Fabrizio Leal Cogo<sup>6</sup>

Com o advento dos e-books o mercado editorial teve que repensar as edições dos livros impressos. Se antes os leitores procuravam por livros pequenos de bolso, de formato muito simples, agora já não é mais assim. Para comprar um livro é preciso seduzir o leitor esteticamente primeiro. A arte das capas de livros está ficando cada vez mais elaboradas. Os livros precisam oferecer mais do que a experiência da leitura. Ele precisa se conectar com outras coisas além da obra em si, e o design é um fator fundamental. Pode-se perceber esta mudança gráfica comparando as edições antigas da editora Martin Claret, por exemplo. Antes a editora era muito mais focada em edições pequenas de bolso, hoje em dia as edições estão muito mais complexas ao que diz respeito à arte gráfica, competindo diretamente com editoras como a editora Zahar e Dark Side.

---

<sup>6</sup> Graduado em Letras-Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrando e bolsista Capes pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, orientado pela Professora Doutora Cynthia Beatrice Costa. Pesquisa tradução e transcrição em teatro. Faz parte do Núcleo de Estudos Irlandeses da UFSC, coordenado pelas professoras doutoras Alinne Balduino Pires Fernandes e Maria Rita Drumond Viana. E-mail: fabricio.leal.cogo@gmail.com.

Pensando nisso tudo foi que construí a minha capa para a tradução de “O gato e el diablo” de Felix Medina. Pensei nos elementos do gato e do diabo no imaginário coletivo e da construção literária destas criaturas. O que mais me chamou a atenção foi o mistério e elegância tanto do gato quanto do diabo. A cor que pensei foi o vermelho, que evoca a volúpia e a exuberância do diabo, e para representar o gato, tentei escrever o título do livro como se fosse o movimento de seu rabo, um movimento elegante. Para representar o mistério das duas criaturas decidi deixar a capa sem texto nenhum, colocando o título do livro na contra capa. Assim, se o livro estivesse exposto em alguma livraria ele deixaria o comprador curioso para saber do que se trata, tendo que pegar o livro na mão para entendê-lo um pouco melhor. Por este motivo também, decidi colocar todas as outras informações como: autor, tradutor e ilustrador, na capa interna, forçando seu manuseio ainda mais. O ditado diz que não devemos julgar os livros pela capa, mas ela pode dar uma ajudinha para instigar o interesse das pessoas.



Capa e contracapa por Fabrício Leal Cogo

## O gato e el diablo, Joyce by Félix

Félix Lozano Medina<sup>7</sup>



Capa e contracapa por Félix Lozano Medina

Na capa tentei misturar palavras, imagens e cores para apresentar todos os personagens do livro.

As palavras servem para apresentar o título, o autor e o tradutor, ao se tratar de uma tradução tentei apresentar os três idiomas utilizados, português, espanhol e inglês, dando uma visão multicultural que o próprio livro traz.

As imagens apresentam os personagens do conto, o gato, vazado na capa, e a cauda do diabo, desenhado na contracapa.

Por último as cores, que sendo poucas, tem grande importância visual, a capa vermelha representando o diabo, com o gato vazado, a cor do diabo e em contraposição a imagem do gato, e na contracapa o preto do gato com a imagem da cauda do diabo. E falta a cor amarela, nos olhos do gato se apresentam dois sóis, imagem central da bandeira da Argentina, onde se desenvolve a trama da tradução. E esta cor amarela se estende ao autor, ao tradutor e a cauda do diabo.

Diferentes formas de tradução, palavras, imagens e cores.

---

<sup>7</sup> Professor de espanhol no Instituto Federal de Santa Catarina/Campus Garopaba. Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e, atualmente, doutorando em Estudos da Tradução na mesma universidade. E-mail: lozano.felix@gmail.com.

**O gato e el diablo: notas sobre a ilustração da capa do conto *O gato e el diablo*, de James Joyce, tradução de Félix Lozzano Medina**

Ivi Fuentealba Villar<sup>8</sup>



Capa por Ivi Fuentealba Villar

O exercício de ilustrar a capa de um livro foi uma surpresa. Habituada a pensar em palavras, frases e parágrafos na folha de papel em branco, fui pega de surpresa diante de papelões, pincéis e tinta, à espera de formas, cores e traços.

Uma pintura não tem língua, não pinto uma imagem em português, francês ou espanhol. Posso traduzir um texto, trazê-lo de uma língua a outra com perdas ou ganhos, cometer traição, mas a imagem que tenho dos personagens ou dos cenários será sempre a mesma, na língua de origem ou na língua alvo. Encontrar esta imagem, visualizá-la com definição de forma e de cores, com certa precisão, é um exercício revelador para um profissional das letras. Visualizada a imagem vem o desafio da pintura! Colocar no papel aquilo que visualizei com a leitura não foi difícil, o processo de descoberta da imagem a ser pintada é que foi o mais envolvente.

No conto joyceano, o diabo constrói uma ponte sobre um rio, e aguarda o primeiro transeunte, de braços abertos, do outro lado. Indiferentes a todo o rebuliço, as águas do rio correm sob a ponte, fluídas como o texto, clara e calmamente. Toda a tensão se dá na densidade da ponte repentinamente construída, em troca da alma de um

---

<sup>8</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, com mestrado em Literatura e formação em Letras Francesas, pela mesma Universidade. E-mail: ivivillar@gmail.com.

cidadão qualquer. Mas esse negro destino, pesado, a se realizar suspenso sobre o rio, não se completa como o esperado: eis que o gato o realiza, rápida e inesperadamente, deslizando para o outro lado da ponte, unindo-se ao diabo numa fração de tempo suspenso pela expectativa do desfecho. O gato se foi, nos braços do diabo furioso, contrariado.

Durante o processo de criação inicialmente escolhi a cor laranja, cor clara, a fim de fazer o fundo da capa. O laranja, aliás, vim a me dar conta, é a cor da bandeira irlandesa, língua de origem do conto. Pintei uma faixa negra ao centro. Um questionamento se colocou: após certo tempo de busca por uma imagem, uma direção para a criação, precisava de um elemento que representasse aquilo que, como percebia agora, ainda não sabia muito bem o que era. Veio uma leitura do conto e, em seguida, a mudança na cor. A cor laranja, que já secara, foi coberta de azul claro. A claridade e o calor buscados com a cor laranja perderam o sentido com a releitura do texto. A faixa preta ao centro, apenas como elemento divisor do espaço, tampouco significava plenamente o que agora o conto dizia. Ler o texto à procura de uma imagem que o signifique foi uma experiência outra, e levou a outra percepção imagética, ou a uma sensação diferente da que a leitura descomprometida havia levado.

A cor azul, no entanto, chegara de forma aleatória como o laranja: um frasco de tinta colocado por alguém ao meu lado chamou a atenção, entre todos os outros frascos de tinta, potes, pincéis coloridos. O azul, que com os traços do pincel foi mesclado à cor branca, remeteu imediatamente às águas do rio que separa os cidadãos, no conto, do diabo que construiu a ponte. A faixa preta atravessando o azul tomou então para si o sentido da ponte que atravessa o conto: “uma maravilhosa e sólida ponte de pedra atravessando o largo do rio”. Mas o que pintar depois? Se no conto a ponte separa a multidão pasma e amedrontada do diabo de braços abertos na outra ponta, ela também sela o destino não apenas do gato que a atravessa e cai nos braços de “el diablo”, mas também de cada um dos cidadãos que, ao não atravessá-la, livram-se do diabo que desaparece imediatamente: “ustedes no son ni siquieras personas! Son sólo gatos!” Com isso, os personagens são reduzidos a gatos somente (e numa língua outra que aquela falada pelos cidadãos!). Não há mais o que pintar na capa, a não ser a ponte sobre o rio, o diabo e o gato. Mas gato, diabo e multidão não são aqui mais que uma presença que já não está mais presente: o gato já atravessara a ponte e caíra nas mãos do diabo, o próprio diabo já desaparecera e a multidão já não era multidão, reduzida que fora a “solo gatos” (e nem sequer havia pisado na ponte).

Surgiu, assim, sem letras, palavras ou vírgulas, a imagem da ponta de uma cauda fugidia, como algo que, saindo de cena, deixara seu rastro. Já não se sabe se é a cauda do gato que já atravessara, ou do próprio diabo que desapareceu imediatamente. Sob o azul da água do rio, resquícios do laranja original que insiste em aparecer sutilmente, com permissão para ficar, claro, como a lembrança do laranja da bandeira irlandesa, talvez... a língua original em que foi escrito o conto.

### Carta sobre capa

Jacqueline Augusta Leite de Lima<sup>9</sup>



Capa por Jacqueline Augusta Leite de Lima

Aeroporto de Brasília, 01 de novembro de 2019.

Queridos amigos.

Alguns dias atrás fizemos nossas capas cartoneras do conto/carta de James Joyce cheios de criatividade, tintas e doce interação, mas talvez vocês não conheçam a história por trás da minha capa.

---

<sup>9</sup> Mestranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CAPES. Licenciada em Letras - Língua Espanhola pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jacqueline93lima@gmail.com.

Sem estar muito familiarizada com a obra, ou estilo do autor e até mesmo não pensando em questões de público, mercado ou outros fatores que permeiam o largo caminho da elaboração da capa de um livro, coloquei todos estes fatores a margem e busquei pensar na maresia que tem guiado nossas aulas com a professora Dirce desde o semestre passado: pensamentos e ideias que vão contra a correnteza, metáforas que expressam e relacionam teoria e prática de tradução.

Então eu me foquei no título “O gato e el diablo”, pois queria usar somente isso para formular minha metáfora perfeita sobre prática e teoria de tradução. O primeiro que me veio à mente foram as teorias que colocam o tradutor como um profanador, um ser maligno que transforma, algo divino (o original) em algo pecaminoso (a tradução), mas ao fazer isso ele permite que o povo tenha acesso ao sagrado. Para muitos, o tradutor é o próprio diabo, porém não é assim que nos vejo; nossa tarefa é criar uma ponte entre conteúdos que devem ser acessados e pessoas que por não conhecerem uma língua não conseguem fazer esse contato. Claro que se eu tivesse lido o conto antes de criar a capa essa lógica da metáfora do tradutor/diabo ser um criador de pontes teria se fixado em minha mente, mas não foi assim e talvez nunca fosse. Em verdade, se pensarmos no conto, o gato é aquele que soluciona o verdadeiro problema de que com a construção da ponte algum cidadão iria pertencer ao diabo. E é exatamente isso que acredito que nós, tradutores, somos, a solução do verdadeiro problema.

Mas como já disse, o conto/carta nada influenciou em minha capa, e como tudo na tradução é um processo, preciso contar sobre como comecei a processar a imagem que faria em minha capa, para mim era extremamente necessário existir a imagem de um gato e de um diabo. Então eu comecei a escolher as cores, o trabalho de um tradutor está sempre permeado por escolhas, uma das mais relevantes escolhas para mim foi escolher o branco para representar o gato e o vermelho para representar o diabo. Quero lembrar a vocês que quando comecei a escolher e a pintar a capa eu ainda estava, mesmo que contraria, pensando em representar o tradutor como o diabo. Então optei por essas cores para manter o imaginário do público que geralmente relaciona o vermelho ao diabo, inferno, chamas.

Como não sou nenhuma desenhista profissional, e não quero aqui fazer menção específica a ninguém. A propósito o Alison está em sala? Enfim. Enquanto rabiscava humildemente meu gato e diabo percebi que meus dotes artísticos tornavam meu diabo a imagem de um gato maior, e após lamentar o fim de uma carreira não iniciada no

mundo da ilustração, me ative a essa casualidade que me fez pensar: não é o tradutor também semelhante ao autor?

Como não acredito em casualidade pensei no místico por trás deste momento, e pensando no místico lembrei que existem várias teorias de que os gatos são seres que sentem, veem e criam uma conexão entre o mundo sombrio e o nosso mundo. Então se o gato podia ser um símbolo de conexão entre mundos ele podia ser a representação metafórica perfeita de como eu vejo o tradutor, pois o tradutor é aquele que conecta o mundo do texto, cultura e língua de partida com o mundo da língua de chegada. Então eu tinha a minha metáfora teórica perfeita, o autor é o diabo que tem o poder sobre o texto e sua autoria e o gato é o tradutor, responsável por uma conexão fundamental entre dois mundos, porém condicionalmente menor e parecido ao autor.

E ao quase terminar da arte da minha capa refleti em como minha “perfeita teoria” me causava incômodo sobre essa diminuída condição que permeia a nossa profissão, pois eu gosto de pensar que os tradutores precisam ser mais valorizados e mais mostrados, nossa profissão às vezes é tão diminuída que existem pessoas que não sabem que o que elas consomem passam pelas mãos de um tradutor pois pensam consumir um original, por isso incluí e destaquei o nome do autor da tradução na capa, afinal sem o gato não haveria uma conexão com o diabo. Porém em suma verdade não busco incitar uma luta ou comparação de maior ou menor entre autor e tradutor, o que defendo é que ambos possuem suas grandezas e ambos os trabalhos devem ser mutuamente valorizados, pois se tratam de constantes trocas, o autor também conecta mundos e o tradutor também cria.

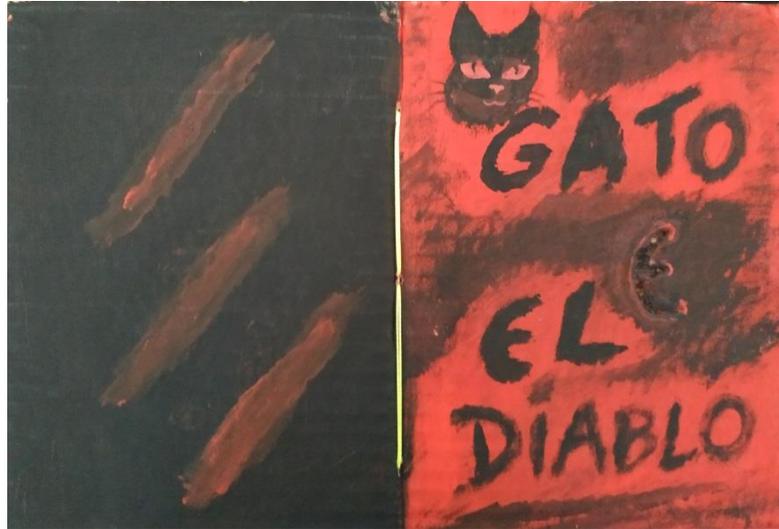
Por isso optei na criação da minha capa, por dividir as cores branco e vermelho, que representação o gato e o diabo respectivamente, na letra “e”, e sobrepor uma troca dessas cores no nome do autor e na palavra “tradutor”, para mostrar essa união, essa troca de ações e papéis entre autor e tradutor.

Ao final consegui minha capa e metáfora perfeita, pois para mim o que ela expressa é que nós tradutores estamos aqui, ligados por esta ponte que permite uma travessia fluida e constante entre o tradutor ser o gato e, por vezes, o diabo.

P.S. Pensando em tudo isso notem que as cores dos olhos também simbolizam essa troca de olhares que às vezes faz com que o tradutor olhe com os olhos de conexão/ aproximação e acabe por se tornar um diabo profanador, e outras vezes olhe com os olhos do autor e crie a real imagem de conexão.

## O gato e el diablo

Lauro Luis Souza de Henrique<sup>10</sup>



Capa e contracapa por Lauro Luis Souza de Henrique

Apesar de *O gato e el diablo* ter sido originalmente escrito por James Joyce para seu neto, penso que para a venda de um livro, a capa deve ser audaciosa e despertar a curiosidade do leitor. Contrariando a ideia de que um livro não deve ser julgado pela capa, hoje, na era da tecnologia, chamar atenção do leitor exige, sim, um apelo visual distinto.

Ao caminhar nas livrarias, o leitor, aparentemente, gosta de tocar e sentir o livro criando um vínculo além do texto. Deste modo, editoras conceituadas como a *Dark Horse* esmeram-se nas capas para gerar um impacto muito forte, outras, como *Pipoca & Nanquim*, que vem se destacando, incluem marca páginas, e, ou suplementos para pesquisa e aprofundamento teórico, lançando versões para colecionar com tiragens limitadas. Sendo assim, é irrefutável que a capa ou o design do livro vê-se fundamental, não tendo a ingenuidade de imaginar uma obra destinar-se a um único público ou faixa etária.

---

<sup>10</sup> Professor efetivo da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Graduado em Letras – Português e Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2012). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Doutorando na Pós-Graduação em Literatura pela mesma Instituição. E-mail: laurodehenrique@gmail.com.

A editora Katarina Kartonera, pelas mãos do artista Evandro Rodrigues, possibilitou uma rara oportunidade: vivenciar esse processo criativo. Como adentrar no complexo mundo da arte, sendo que não sou um artista? Lembro-me da primeira pergunta que fiz para ele na oficina ministrada, e sua resposta foi algo do tipo “Relaxe e use sua criatividade, não se preocupe com regras, pega a tinta e vai”. Enfim, agradeço por ter tido esta oportunidade e aqui, neste simples texto, compartilho algumas de minhas escolhas brincando de ser artista.

Em primeiro lugar, com tantas cores disponíveis, optei por preto e vermelho, visto que na história de Joyce parece existir um conflito entre bem e mal, assim, contrastar essas duas cores pareceu interessante. É inegável que as cores tenham funções de transmitir significados, um minucioso olhar no preto torna-se suscetível a questões da noite, do terror e da curiosidade. Pensei, então, por que não deixar tudo preto, afinal o preto é tão amorfo e misterioso quanto o Diabo!

Adentrando na história, o gato tem essa característica de observador, uma criatura da noite, que está sempre ali vigilante, ao mesmo tempo desconfiado e cauteloso, podendo se tornar extremamente aterrorizante quando assustado. Deste modo, substituí o “O” do título, *O gato e el Diablo*, por um gato observando o leitor; em seguida, o “e” que completa o título optei por marcar a capa com um desgaste, representando um “arranhado”, típico dos felinos, abraçando, também, o mesmo procedimento na parte de trás do livro.

A segunda cor escolhida, o vermelho, resgata uma de minhas inquietudes; a força simbólica da cor, muitas vezes o pecado e, em outras, o amor. Como uma cor forte, associei esta cor ao diabo e à costumeira relação com o fogo que consome a vida, cria-se uma antítese entre amor e pecado, típico do diabo que na história propõe um pacto para construção da ponte, assim como a cobra que tenta Eva a comer a maçã.

Ignorei, deste modo, o fato de o livro, preferencialmente, ter um público específico, preferi adotar cores fortes e explorar o lado simbólico entre esta mescla de preto e vermelho. Já numa percepção mais crítica, pensei em explorar um âmbito mais gótico do conto, trabalhando embalado pelas metáforas do “gato” preto e do vermelho do “diabo”. Fica, então, a minha tradução do conto no olhar do gato espreitando o leitor curioso ao pegar a capa em mãos.

## *O gato e el diablo*

Luciana Lomando Cañete<sup>11</sup>



Ilustração da capa por Luciana Lomando Cañete

Traduzir é lidar com a falta. E a despeito da falta realizar a incompletude do que se faz, ou ver como completo o texto mesmo quando falta. Nesse sentido apenas uma metáfora da vida, traduzir é viver, estar diante do possível e de suas próprias limitações: de compreensão, de domínio das línguas, de domínio de si.

Partindo disso, retomo a capa que fiz para “O gato e El diablo” e preencho de significado o que foi feito inconscientemente. O papelão escolhido no dia anterior tinha dois furos redondos, peguei-o pelos furos justamente. Os furos, simétricos, e que no primeiro impulso me levaram a pensar em eliminá-los, logo se transformaram na incorporação inesperada da falta. Eles fariam parte da capa, estava decidido. Como quando nos debruçamos sobre o texto a ser traduzido, não podemos eliminar imperfeições ou desagrados, mas sim aceitá-los e lidar com eles. Os furos da capa falam também da falta, da superfície que num dado momento falha. Diz da segurança de um texto cheio de sentido que num golpe se fecha hermético.

Depois de pronta a capa e incorporado os furos, como detalhe para fechar o livro e também como a letra “O” de gato e o corpo sem corpo do gato, também percebo

---

<sup>11</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Tradução Português/Espanhol pela Universidade Gama Filho e mestranda em Estudos Literários pela UFPR. Trabalha como professora, tradutora, intérprete e poeta. E-mail: lucanete@hotmail.com

que por eles se vê o miolo do livro, e a ponta da orelha da ilustração do gato. A falta é o que nos permite ver o que está além da superfície, pra dentro da capa, pra dentro do texto.

Além dessas reflexões gerais sobre a tradução, percebi que o fato de o gato compor a palavra Diablo representa a relação destes personagens como se ocorre no conto. O azul das letras simboliza a água do rio e as 3 cores do fundo seriam o autor e os dois tradutores, lado a lado, essenciais na composição sem maior ou menor espaço.

### **O minimalismo em *O gato e el diablo***

Natália Elisa Lorensetti Pastore<sup>12</sup>



Capa e contracapa por Natália Elisa Lorensetti Pastore

Apesar de apreciar as artes, observar capas de livros e suas relações com o conteúdo, nunca tive em mim a característica de artista. Meio desajeitada, acabava colorindo fora das linhas e não tenho muito jeito para aprimorar meus desenhos - não que fosse algo que investi muito meu tempo e dedicação.

Quando nos foi sugerida a oficina de confecção de capas, me interessei pela atividade e me propus a participar. Antes mesmo do dia em questão, fiquei me questionando o que faria, como faria e até cogitando apenas observar os colegas. Porém, conversando em sala sobre possíveis ideias, a inspiração veio, mesmo que mínima.

---

<sup>12</sup> Formada em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela mesma instituição. E-mail: natalia.e.pastore@gmail.com.

Imediatamente já escolhi trabalhar com as cores vermelho e preto, uma vez que o vermelho remete ao fogo, que me faz pensar no fogo do inferno, onde vive o diabo - de acordo com o catolicismo que me foi ensinado. Assim, o vermelho é a cor predominante, tendo o preto como secundário, remetendo a seriedade da cor, a figura da morte e a imagem - que não sei a origem da inspiração - do diabo usando terno e gravata. Além, claro, de remeter a figura do gato preto, generalizado como o gato que traz má sorte, mas que na realidade é um animal venerado por muitas culturas e visto como amuleto que atrai grande sorte.

Uma vez que desenhar não é meu forte, usando tinta menos ainda, optei apenas por escrever o título do conto na capa. Pensando no tamanho da letra que iria usar para que as palavras não precisassem ser separadas por hífen, tirei um momento para olhar o trabalho dos colegas e vislumbrei a capa de uma colega que trazia o desenho do convencional rabo do diabo. E assim surgiu a ideia de trocar as palavras “gato” e “diabo” por símbolos que remeteriam a eles, fazendo, assim, uma brincadeira com o título. Primeiramente foi pensado em fazer dois rabos diferentes no lugar das palavras, porém concluí que poderia ficar confuso e optei pelo tradicional desenho do nariz e bigodes.

Deste modo, a capa ficou minimalista e utilizou de simbolismos no intuito de atrair um possível leitor a conhecer a história dentro da capa. Também, nota-se na capa um tom mais infantil, que remete ao texto que Joyce escreveu para seu neto, em 1936.

## **REFERÊNCIAS**

JOYCE, James. *O gato e el diablo*. Trad. Félix Lozano Medina. Florianópolis: PGET/UFSC & Katarina Kartonera, 2019.